

Na hora do *Eleição Presidencial* voto, só medo e ódio

20 SET 1998

Tanto o eleitor de Fernando Henrique quanto o de Lula tem a sensação de estar indo para as urnas como boi vai para o matadouro. Eis um raríssimo caso de eleição presidencial sem final feliz. Pode ficar orgulhoso e seguro de si e de seus negócios o eleitor mais consciente de FH, pela preservação do que já ganhou e pela expectativa do que ainda pode vir a embolsar, mas não dormirá tranqüilo de 4 para 5 de outubro: sabe que, se FH for proclamado vitorioso logo no primeiro turno, será obrigado a adotar imediatamente medidas duras, amargas e necessárias para sobreviver à crise da economia mundial.

Mais razão ainda tem o eleitor de Lula para mergulhar em profunda depressão. Não lhe basta a ameaça aparentemente próxima da derrota anunciada, tirada das pesquisas de opinião pública e martelada diariamente em seu juízo. O pior é perder e não ter como se reencontrar. A se confirmar que não haverá segundo turno, as esquerdas reunidas em torno de Lula não estarão apenas perdendo uma eleição. Estarão se desencontrando de suas esperanças. Por uma razão simples e tão definitiva quanto a marca de um olhar feminino fulminando o coração de um homem: do mais bobo eleitor ao mais elaborado cérebro interessado em transformar o governo e a sociedade, não se vive sem líder e sem bandeira. E o eleitor de Lula e do PT, em caso de derrota, desabarará inapelavelmente sem as duas coisas.

Derrotado mais uma vez, Lula será um trapo. Restará por um tempo, até encontrar a ressurreição, se a encontrar, a sua saga heróica de nordestino faminto levado de pau-de-arara para São Paulo e para a ousadia de desafiar a ditadura militar, no final da década de 70, com o maior movimento de conscientização do operariado no País, e as elites, nos anos 80 e 90, com a proposta de inversão dos andares do prédio da dominação política nacional.

O pior é que, para os seus seguidores, não há substituto à vista na estrada. Mas certamente dói menos no eleitor de Lula a hipótese absurdamente dramática de demolição de um símbolo do que imaginar que o país passará a ter como principal líder da oposição alguém como Jader Barbalho ou José Sarney.

Se hoje o PFL sente orgulho íntimo de mandar no presidente, na eleição seguinte quer experimentar o prazer de receber ordens dos outros. Até já editou um livro bem grosso com o seu programa de governo. Mas gostaria que fosse mais do que um livro de cabeceira. Que fosse a própria bíblia do presidente.

Mesmo que Lula, por suposta burrice, má-fé e manipulação de todas pesquisas e análises eleitorais, seja o grande vencedor desta eleição, que motivos haveria para festas em sua caravana? Se prega mudança radical do que FH fez até agora, se tem outro modelo de governo e de país, se descobriu outra fórmula para enfrentar a crise, não se supõe que o parto seja indolor. Serão duros também esses tempos. Eis a tragédia desta eleição: o eleitor entrou num beco sem saída. Ou vota com medo ou vota com ódio.

**Dói imaginar
que o país
passará a ter
como principal
líder da
oposição
alguém como
Jader Barbalho
ou José Sarney**